**VOCÊ ME DÁ A SUA PALAVRA? DO SILÊNCIO
AO MURMÚRIO UTÓPICO DO ARTISTA**
CAN I HAVE YOUR WORD? FROM SILENCE TO THE UTOPIAN
WHISPERING OF THE ARTIST

Elida Tessler¹

Resumo: *O presente texto apresenta a noção de autoria em um processo de criação artística cujo procedimento inclui a palavra escrita de forma anônima. A partir de um objeto comum como um prendedor de roupas de madeira, procuramos abordar as relações entre artes visuais e o cotidiano, incluindo reflexões acerca das aproximações entre a literatura e a arte contemporânea.*

Palavras-chave: *arte contemporânea, palavra escrita, processos de criação artística*

Abstract: *This paper presents the notion of authorship in a process of artistic creation which includes the written word in an anonymous form. From a common object like a wooden clothes hanger, we try to discuss the relationship between visual art and daily life, including reflections on the approximations between literature and contemporary art.*

Keywords: *contemporary art, written word, processes of artistic creation*

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai
Caetano Veloso*

Água da palavra

Você me dá a sua palavra? é um trabalho que nasce como um olho d'água. Do nada, do deserto, do calor, do subterrâneo, e sobretudo de uma esperança. Esta proposição aposta no fluxo da linguagem, onde um gesto simples torna-se ato de criação. Tudo acontece a partir de uma decisão: Eleger um objeto do cotidiano e acreditar em sua potência estrutural para que se constitua como elemento de comunicação imediata. Um prendedor de roupas de madeira torna-se, assim, o elo de uma corrente que une distintos universos. Sua nomenclatura tão simples e significativa também participa de forma decisiva da determinação de que este objeto torne-se o suporte da palavra do outro, escrita de seu próprio punho. Mas quem é o outro? Meu interlocutor antes anônimo, sempre aleatório, é agora reconhecido pelo vocábulo manuscrito em sua língua materna, destinado a perder-se em um mar de outras palavras.

“Não é que o mar é aquilo que Algy chama de uma grande e doce

mãe?”² Esta é a voz de Buck Mulligan, em um de seus diálogos com Stephen Dédalus, no labiríntico romance *Ulisses*, de James Joyce. No fluxo das águas deste monumento literário temos o mar-mãe e o rio-pai, uma espécie de filiação para todo o artista que se propõe a trabalhar as relações entre a palavra e a imagem no contexto da arte contemporânea associando-o ao universo da literatura.

Neste momento, também nos cabe trazer para perto de nossas reflexões um dos grandes inventores da literatura brasileira, João Guimarães Rosa, em um conto marcante intitulado “A terceira margem do rio”³, cujo texto fez com que Caetano Veloso produzisse a canção cujos versos são epígrafe deste texto. Vejamos um trecho da narrativa que abre espaço para a reflexão a respeito das margens da palavra e da possibilidade de ainda acreditarmos em utopias:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.

Você me dá a sua palavra? é uma obra iniciada em novembro de 2004 e está inserida em um projeto criado por mim já há 20 anos intitulado FALAS INACABADAS, cujo eixo engloba as relações de descarte dos objetos do dia-a-dia em seus diferentes contextos. É um trabalho que, no contexto da arte contemporânea, coloca em pauta a noção de autoria de modo agudo e singular.

Como procedimento inicial, peço a palavra, solicitando que esta seja escrita em um prendedor de roupas de madeira, na língua materna do interlocutor. O fio do varal é a linha do poema anônimo, contorno de um horizonte provável, verso e reverso do cotidiano manuscrito. Surge aqui novamente o atributo da escolha: uma palavra entre tantas possíveis, onde um significante escorrega de mão para mão. Desta forma, desde o mês de novembro de 2004, venho pedindo a palavra às pessoas com as quais me deparo nas mais comuns e diversas situações

2 JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinto. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005, p.6

3 ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio” in: *Primeiras estórias*. RJ, Nova Fronteira, 2001, p. 79-85

do dia-a-dia. Estes sujeitos fazem da vida um delicado fio que sustenta o imaginário de cada um de nós.

Transformar uma coisa em outra. É este o sentido da arte, no qual busco o alento do cálculo incorreto, do número variável, da adição em que prevalece a unidade do objeto em sua radical presença, pois uma palavra escrita em um prendedor de roupas solta a metáfora da poesia, quando um objeto guarda suas qualidades físicas mas modifica a sua finalidade primeira, anunciando micro-revoluções. E aqui estão colocadas, simultaneamente, a soma e a diferença entre a palavra dita e a palavra escrita: a utopia em um pequeno intervalo de tempo e espaço imensuráveis.

Proa da palavra

Neste caso, uma pergunta gera outra pergunta. Na maioria das vezes em que proponho “*Você me dá a sua palavra?*”, nos mais variados idiomas, surge imediatamente a seguinte questão: “*Pode ser qualquer palavra?*”, o que já considero uma acrobacia da proposição por tratar-se de um lance do pensamento rumo a uma possibilidade extremamente ampla. Qualquer palavra! Reforço o pedido repetindo o que é essencial: *a sua palavra*. Como se este apontamento fosse o suficiente para sublinhar o caráter íntimo de minha solicitação, o chamamento por aquilo que vem de dentro, e que pode gerar um discurso próprio: A sua palavra, aquela que pode identificar o sujeito, fazendo-o reconhecer em si um atributo ou um ideal. Da proa da palavra avista-se um horizonte. Qualquer palavra, quando escrita em um prendedor de roupas torna-se subitamente uma palavra especial.

Margem da palavra

Aquele que solicita a palavra sabe que não está pedindo pouco, e quem escreve deposita uma confiança ímpar em seu destinatário. Há aqui uma relação com a palavra de honra, com a manutenção da palavra dita ou escrita, assumindo uma postura ética diante do mundo, entre verdades e mentiras que na maioria das vezes ultrapassam o caráter literário ou ficcional de nossa subjetividade para chegar aos paradoxos do contexto social e político onde cada um de nós vive, e com os quais combate da maneira como pode. Escrever é sempre um ato de resistência. Neste momento, gostaria de situar as origens deste trabalho, relacionados ao meu processo de criação. Sendo convidada pela FUNARTE, Fundação Nacional de Arte vinculada ao Ministério da Cultura no Brasil, para participar de um evento envolvendo deslocamentos de artistas brasileiros em todo o território nacional, o meu destino foi definido como sendo o Amapá, mais precisamente a cidade de Macapá, capital deste Estado da Região Norte do país. Sabemos que esta é uma área de desmatamento intenso, com o objetivo de exportação de madeira triturada, às margens do Rio Amazonas. Paradoxo inconcebível: o desenho urbano desta cidade fica sem a sombra de árvores que poderia amenizar o calor intenso equatorial. Antes de partir para esta viagem, que ainda hoje considero uma linha de horizonte vertical, pois venho do extremo sul do país, fui em busca de algumas informações consultando o mapa do território brasileiro. Neste momento, surgiu para mim uma espécie de partitura, com um diagrama sonoro a partir das palavras *Amapá*, *o mapa* e *uma pá*. Ou seja, uma rima entre gêneros e objetos deste projeto de trabalho.

Assim, segui com a idéia de que iria viajar acompanhada por um mapa, que seria o correspondente masculino de Amapá e uma pá capaz de abrir um buraco em terrenos diversos. Chamo a atenção para o fato de que, ao comprar a ferramenta em uma loja de materiais de construção em Porto Alegre, segui a denominação funcional de uma pá carregadeira, ao invés de uma pá de corte, pá de jardim ou pá cimenteira. Carregar uma pá carregadeira ao Amapá, tendo em mãos um mapa já seria o meu exercício tautológico. O que segue é que, chegando ao meu destino, soube que o prefeito da cidade estava detido pela Polícia Federal desde a véspera, o que gerou uma tensão política em

todo o Estado, impossibilitando inclusive a continuidade do evento tal como ele havia sido planejado. De minha parte, mudei também o rumo da proposição com uso das pás e do mapa, optando por adquirir todos os prendedores de madeira que pude encontrar naquele dia, naquela cidade. Isto porque também formulei uma pergunta ao motorista que me conduzia ao hotel, questionando as razões pelas quais o prefeito encontrava-se preso. A resposta foi bastante simples e contundente: “*Ele faltou com a palavra!*” Somente no dia seguinte, ao ler os jornais, soube que se tratava de um desvio de verbas. Naquele momento, assumi o ensejo de realizar um desvio de verbos.⁴

Rosa da palavra

“*Gosto do Pessoa na pessoa, do rosa no Rosa*”. Proposição de Caetano Veloso em sua canção Língua, enfatizando: “*Minha pátria é minha língua*”⁵. Sendo assim, temos a nossa flor a regar todos os dias, exercitando a construção de uma linguagem específica, ainda em movimento de tessitura, tal qual a teia de uma aranha incansável e vaidosa de sua frágil seda. Nossas secreções trabalham. Uma rosa é um nome, é uma flor, é uma proposição de vida, é uma atitude, é uma ideia. Em caráter associativo, poderíamos pensar que um prendedor de roupas de madeira é também barco e rio ao mesmo tempo, sendo um objeto que provoca diálogo com outros objetos e com sujeitos que dele se aproximam. Objeto comum, corriqueiro, fazendo-se pátria quando suporte da palavra.

4 Referência direta a um trabalho criado concomitantemente ao VOCÊ ME DÁ A SUA PALAVRA? Intitulado UMA PA LAVRA – uma pá, que cava um buraco, que carrega areia, que cimenta uma construção, também escreve. Uma das definições do verbo LAVRAR, em português, é “*Escrever de próprio punho*”.

5 Fernando Pessoa: “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente, Mas odeio, com odio verdadeiro, com o único odio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a orthografia sem ípsilon, como escarro direto que me enoja independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a orthographia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-mã do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.” <http://www.revista.agulha.nom.br/1fpessoa013p.htm>

Asa da palavra

A soma das palavras nas unidades de prendedores de roupa não é uma questão de contabilidade. A forma de apresentação deste trabalho estaria provavelmente mais próxima de uma vontade de perceber o que fica entre uma coisa e outra, após a disposição que justapõe objetos lado a lado. A cada apresentação, há algo cambiante, pois as *palavras-prendedores*, como palavras-chave de um texto, neste caso mudam de lugar. Rumo ao infinito, como a proposição artística do artista Roman Opalka, intitulada “1965 / 1 – ∞”, torna-se muito mais uma carta de intenções, uma forma de dizer “I am still alive”, como o fez On Kawara, com sua série de cartões postais enviados desde 1966 a seus amigos e conhecidos, inseridos em sua prática artística conceitual.

Você me dá a sua palavra? torna-se assim uma forma de afirmar que o artista ainda está vivo, resistindo a todas as formas de massificação do pensamento. Aliás, percebo aqui uma estratégia subjetiva de acreditar na imortalidade, não como no mito de Sibila, com seus tantos anos de vida quanto os grãos de areia na concha de suas mãos, mas mais próxima a formulação de Jean Parvulesco, respondendo a pergunta da jornalista Patrícia, ambos personagens do filme de Godard: “Qual é a sua maior ambição na vida?” Resposta: “Tornar-me imortal, e depois, morrer”⁶

Você me dá a sua palavra? inscreve-se como um projeto que me coloca em permanente diálogo com o cotidiano vivido. Mesmo inscrevendo-se como uma espécie de acumulação de objetos, não se pode dizer que o discurso fica estagnado. Tudo é pulsante, como palavras de um texto que ainda não está escrito. De alguma forma, desde a primeira palavra escrita, tudo está conectado. Todas as palavras mudam de sentido a cada vez que outra é acrescida, principalmente quando ocorre a repetição. A palavra *amor* é a mais recorrente. Sempre ímpar, pois é manuscrita, cada palavra garante relações de espaço e tempo também únicas. Uma rosa é uma rosa é uma rosa, já dissenos Gerturde Stein. Em uma mesma linha contínua, encontramos

6 Jean Parvulesco é escritor e jornalista francês de origem romena, nascido em 1929, que decide fugir do regime comunista depois da segunda guerra mundial. Chegando na Iugoslávia, ele atravessa o Rio Danúbio a nado em julho de 1948. Graças a seus artigos sobre a *Nouvelle Vague* na França, ele aparece em alguns filmes de Jean-Luc Godard, tal como *À bout de souffle*, cujo papel é dado ao ator Jean-Pierre Melville. http://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Parvulesco

geografias distantes, pessoas que já morreram, crianças que cresceram, e eu mesma, em uma única palavra escrita: *obrigada*.

Casa da palavra

Estamos no lugar das possibilidades infinitas. *Mundo-abrigo*, lembrando uma proposição do artista brasileiro Helio Oiticica. Espaço para morar e demorar. Tempo de pausa e parada. *Você me dá a sua palavra?* exige a interrupção do passo e a disponibilidade de tempo que muitas vezes não temos. Conforme mencionado anteriormente, a pergunta gera uma outra pergunta: *Qualquer palavra?* Aqui está aberto o mar das possibilidades. Qualquer palavra pode ser escrita nas partes visíveis do objeto, desde que ela seja legível. Uma palavra escrita na língua materna, que carregue o traço da origem de quem escreve. O caráter manuscrito já é assinatura do autor. Trabalho coletivo, que torna-se anônimo na medida em que não há o nome escrito. Mas, o que é uma palavra? E quando esta é escrita para ser oferecida ao outro, o que produz como acontecimento? Trata-se de uma generosidade que coloca o mundo da linguagem em circulação. Há quem dá a palavra e há quem se recusa a fazê-lo, isto é, quem retém o objeto em mãos, subtraindo-se assim da participação no trabalho do outro. *Você me dá a sua palavra?* é uma obra feita a partir de pequenas doações, e que abriga um babelismo. Babel, este é o nome da torre que tem sua construção interrompida, como uma fala inacabada, segundo o texto bíblico de Gênesis, quando Yahwé declara a impossibilidade de ter um nome próprio (Shem). Mas alguma coisa se passa entre a palavra e a escritura. O texto, de fato, ainda não está escrito.

Brasa da palavra

Todo o calor está no atrito entre a ponta da caneta e a superfície de madeira do prendedor de roupas. É desta forma que marca-se, a ferro em brasa, pirógrafos da imaginação que somos, a história de um tempo que passa e que não podemos reter. “*Querer reter o tempo é um ato de heroísmo*”, diz a artista norte-americana Jenny Holzer “; em um de seus aforismos apresentados em exposições de arte contemporânea. Podemos considerar o ato de escrever como um risco de fósforo,

buscando a origem etimológica. A palavra *Fósforo* vem do grego *phos*, que significa *luz* e de *phorein*, que pode ser traduzido por *carregar*, *levar*, ou seja, portador de luz. Sabemos o quanto um texto pode ser a lâmpada que carregamos em nossos percursos de criação artística, riscando com um fio de luz o traçado que nos permite seguir adiante. Se lermos atentamente o seguinte parágrafo de James Joyce, poderemos perceber o quanto a carbonização também pode vir a demonstrar não só a origem de cada um de nós, mas também o destino de algumas de nossas proposições de pesquisa relacionando a arte à literatura:

Assim como nós tecemos e teceremos nossos corpos – disse Stephen – dia após dia, suas moléculas se movendo de um lado para outro, assim também o artista tece e destece a sua imagem. E como o sinal no meu peito direito está onde estava quando nasci, embora todo o meu corpo tenha sido tecido sem parar com uma nova substância, assim também através do fantasma do pai inquieto a imagem do filho anulado olha à frente. No instante intenso da imaginação, quando o espírito – diz Stephen – é carvão desvanescente, aquilo que eu já fui é aquilo que eu sou e aquilo que dentro das possibilidades eu posso vir a ser ⁷

⁷ JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinto. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005 p. 219

Fora da palavra

Estar dentro ou fora da palavra, eis a questão. Ser tomado pela surpresa da pergunta *Você me dá a sua palavra?* e supondo que a palavra seja dada, gera mais uma vez em uma rima sonora, Incorpora-se assim, como no movimento Dadá no início do século XX o acaso do encontro e algum resquício da escrita automática dos surrealistas. Desprendo a palavra individual, retirando-a de um contexto íntimo, incorporamos-a àquilo que ainda não tem forma fixa, mas que assume o caráter prático de um fio de varal suspenso, um arame esticado e fixo a partir de suas pontas, em um lugar onde seja possível amarrar este fio único, sem rupturas, para que o fluxo das *palavras-prendedores de roupas* não seja rompido. Embora a cada apresentação todas as palavras mudem de lugar, tal qual as moléculas de nosso corpo, há sempre um fluir de vocábulos em distintos idiomas, algo que produz murmúrio e voz.

No ano de 2009, no Parc de Monsouris em Paris, ao realizar uma caminhada, deparei-me com palavras soltas no ar. Pelo menos foi esta a minha impressão, pois nas proximidades não havia ninguém, apenas bancos de praça, e alguns passantes ao longe. A medida em que eu caminhava, ouvia sussurros. O que estaria ocorrendo? Haveria alguém me chamando? Ou eu estaria ouvindo meus próprios pensamentos? Em princípio, achei que poderia ser uma brincadeira, uma forma de chamar a atenção a atenção dos transeuntes. Continuei a caminhar, mas a voz sussurrante insistia em dizer algumas palavras que eu não entendia. Observei um objeto estranho sob certos bancos de praça alinhados, e deduzi que seriam os dispositivos sonoros em questão. Somente no final de um dos caminhos, li a placa indicativa, com os dados do trabalho do artista francês Christian Boltanski, concebida em 2006.

A obra sonora *Murmures* de Christian Boltanski estava situada no *Parc de Montsouris* nas proximidades da Cidade Universitária. O que o artista fez foi gravar uma série de confissões amorosas enunciadas por estudantes de diferentes nacionalidades, em sua língua de origem. Um dispositivo sonoro foi colocado sob dez bancos do parque difundindo, assim, estes murmúrios. Uma proposição artística que toca, ao mesmo tempo, no caráter multicultural da capital parisiense e no contexto cosmopolita dos boulevares dos marechais.⁸ Christian

8 O Boulevard. Jourdain é uma das avenidas do bairro 14 de Paris, que faz parte do conjunto

Boltanski estaria, desta forma, pedindo e dando a palavra ao mesmo tempo? Na língua materna dos estudantes da Cidade Universitária de Paris, palavras de amor e de ternura já gravadas pelo artista, estão ali solicitando e oferecendo um tempo de pausa aos caminhantes distraídos como eu. Somente na minha segunda volta no parque, me dispus a parar e sentar no banco, a fim de usufruir plenamente a proposta do artista. São poucos minutos de registro sonoro, mas suficientes para abrir a fresta entre o dentro e o fora de nossa realidade cotidiana. Murmúrio é o título do trabalho. Em francês, a sonoridade também favorece uma imagem de fronteira permeável: mur = muro // mûre = maduro. Um muro maduro, uma parede mole, uma superfície já plena de marcas, raspagens, acidentes diversos e micro-organismos criados espontaneamente pelo tempo que passa. Uma escrita visível, um texto invisível, uma passagem do silêncio ao murmúrio do artista.

Em 1950, Francis Ponge publica um de seus textos que trata do trabalho do artista, enquanto obra que produz o efeito de nos fazer parar e nos reposicionar diante dos problemas causados pela fragmentação contínua de tempos e espaços no mundo contemporâneo. Tais objetos concebidos pelos artistas, que aparentemente não serviriam para nada na concepção do mundo mercantilista, acabam por provocar-nos sentimentos tão profundos a ponto de nos reconstituir o gosto profundo pelo lazer e pelo prazer do repouso. Trata-se de “*O murmúrio*”⁹, quando Ponge pontua claramente a função do artista enquanto aquela capaz de reintegrar o homem ao funcionamento do mundo em seu contexto cultural, social e político. Do silêncio paralizante ao murmúrio eloquente, cá estamos nós atravessando o muro maduro das margens da palavra.

Tora da palavra

Aquilo que não havia, acontecia. Eis o que nos disse Guimarães Rosa. O impossível ato de nos mantermos entre margens nos faz existir, no puro exercício de manutenção de uma ideia. Tal o exercício de estilo de

chamado “pequena cintura” ou “Avenida dos Marechais”. Esta avenida recebeu o nome do Conte Jean-Baptiste Jourdan (1762-1833), marechal da França. A obra está instalada no lado do parque situado justamente no Bd. Jourdain.

9 O título “*O murmúrio*” é seguido por um subtítulo que nos interessa particularmente neste momento: “Condição e destino do artista”. PONGE, Francis. *Méthodes*. Paris, Gallimard, 1999. P.153

Raymond Queneau, que nos conta 99 vezes a mesma história, um *fait-divers* parisiense banal como subir em um ônibus. A tora da palavra está ali, circulando pela cidade, para quem nela quiser se apoiar para não afundar na melancolia líquida do dia-a-dia. Tora-tronco, tora-corpo, tora-livro em rolo, como uma Torá na tradição judaica. O que inicia não finaliza: no fim, está o começo como uma estratégia de vida, com um murmúrio potente, um grito contra o homem-máquina que só faz repetir, repetir, repetir, sem estar atento ao que poderia ser diferente.¹⁰

Recebido em: 23/11/2012. Aprovado em: 26/11/2012.

¹⁰ Esta é uma referência ao verso de Manoel de Barros: "Repetir, repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo. (BARROS, Manoel. *Retrato do Artista quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 14)